

THE HEIRESS / 1949

(A Herdeira)

um filme de William Wyler

Realização: William Wyler / **Argumento:** Ruth e Augustus Goetz, com base na peça que escreveram a partir de "Washington Square" de Henry James / **Fotografia:** Leo Tover / **Montagem:** William Hornbeck / **Música:** Aaron Copland / **Direção Artística:** Harry Horner e John Meehan / **Décor:** Emil Kuri / **Guarda-Roupa:** Edith Head e Gile Steele / **Interpretação:** Olivia de Havilland (Catherine Sloper), Montgomery Clift (Morris Townsend), Ralph Richardson (Dr. Austin Sloper), Miriam Hopkins (Lavinia Penniman), Vanessa Brown (Maria), Mona Freeman (Marian Almond), Ray Collins (Jefferson Almond), Betty Lindley (Mrs Montgomery), Selena Royle (Elizabeth Almond), Paul Lees (Arthur Townsend), etc.

Produção: William Wyler para a Paramount / **Cópia:** DCP, preto e branco, legendado em eletronicamente em português, 115 minutos / **Estreia Mundial:** Nova Iorque, Outubro de 1949, no Radio City Hall / **Estreia em Portugal:** Cinema Éden, a 24 de Março de 1951.

Esta adaptação de um dos romances mais memoráveis (e legíveis...) de Henry James começou a sua carreira na Broadway, com Wendy Hiller, Peter Cookson e Ralph Richardson nos principais papéis. Segundo reza a história, foi a mulher de Lewis Milestone, grande amiga de Olivia de Havilland, quem sugeriu à estrela que fosse a correr ver a peça, dizendo que seria um veículo ideal para ela. De Havilland concordou e convenceu William Wyler a fazer o mesmo. A Paramount comprou os direitos e pediu aos autores para escreverem a versão cinematográfica. Hiller e Cookson foram despachados, mas Richardson foi escolhido para repetir o seu devastador desempenho na tela, na companhia de de Havilland e de um jovem actor que, até à data, tinha feito dois filmes: o mítico **Red River** de Howard Hawks e **The Search** de Fred Zinnemann. Terá Wyler, o produtor do filme, mudado de opinião acerca do *casting* durante as filmagens? Impossível de dizer. O que é facto é que, segundo de Havilland, o ambiente no *plateau* era de cortar à faca. Os três gigantes (de Havilland, Clift e Richardson) estavam praticamente de relações cortadas, pois todos achavam que os outros lhes estavam a roubar o filme. Clift até embirrou com Miriam Hopkins, dizendo que ela não percebia que o papel dela era secundário em relação ao dele. De qualquer forma, esta tensão beneficiou o filme, pois é óbvio que o espectador tem de sentir que, debaixo das boas maneiras superficiais que dominam o relacionamento entre Catherine Sloper, Morris e a Tia Lavinia, há uma corrente muito forte de ódio, desprezo e canibalismo emocional, corrente essa que dá a **The Heiress** um ímpeto simultaneamente violento e controlado que faz do filme um dos mais bem conseguidos da controversa filmografia de Wyler. Se compararmos **The Heiress** com **The Little Foxes**, por exemplo, verificamos que no filme que veremos hoje a sutileza e a sobriedade dão ao tratamento das personagens um cunho infinitamente mais profundo. O ódio que irrompe entre Catherine e o pai, depois de este lhe dizer abertamente tudo o que pensa dela, funciona muito melhor do que o histrionismo

exagerado de Bette Davis a tentar dar cabo de Herbert Marshall em **The Little Foxes**. O "*I hope you die: I'm waiting for you to die*" que a horrenda "raposa" diz ao marido no filme de 1941 dá lugar, no de 1949, a uma violência bastante mais contida: Catherine mata o pai na mesma, mas é sempre civilizada; não precisa de dizer nada, pois sabe que a força do seu ódio chega perfeitamente para o despachar desta para melhor.

Mas ao contrário da horrível Regina-raposa, Catherine é uma vítima, acima de tudo uma vítima do pai, o homem a quem tenta agradar de todas as maneiras e feitios, mas que não é capaz de sentir por ela nada a não ser ódio e desprezo. Catherine é feia e *gauche*; aparentemente, não tem personalidade e não se interessa por nada: passa os dias a fazer bordados em *petit point* que o pai odeia. Mas já aí temos um prenúncio subtil da pessoa em que Catherine mais tarde se transformará: Catherine sente que o pai detesta os seus bordados, mas insiste em continuar a fazê-los, pois ao fazê-los e ao sentir-se censurada por fazê-los, Catherine *está a ser ela própria* (à semelhança da Angie Dickinson de **Rio Bravo**, a quem John Wayne aconselha de parar de jogar às cartas e de usar "penas" para que possa ser aceita pela sociedade, mas que rejeita esse conselho porque é ao jogar às cartas e ao usar as tais penas que ela está a ser *ela* e não a pessoa que outros queriam que ela fosse). Não é por acaso que o genérico de **The Heiress** aparece em *petit point*, nem que é a bordar que Catherine consuma a sua rejeição completa do pai e de Morris. Quando Morris volta para se desculpar, dando a Catherine a oportunidade suprema de se vingar ("*Yes, I can be very cruel; I have been taught by masters*"), ela afirma que este bordado é o último. Já não precisa de bordar para se convencer que *existe*: a possibilidade de destruir Morris depois de ter destruído o pai lhe dá a identificação como pessoa que sempre desejara. No final do filme Catherine sabe quem é: herdou em pleno, depois de uma vida inteira em que todos lhe chamavam feia, a beleza da mãe; herdou também a crueldade desumana do pai. Sloper (Richardson) escandaliza-se com o facto de Morris ter querido o dinheiro de Catherine, mas ela vai mais longe: odeia Morris, no final do filme, por ele exigir também o seu amor. "*He has become greedier*", observa, chocada.

Diga-se o que se disser acerca dos méritos e defeitos de Wyler, não há dúvida de que **The Heiress** é um filme fortíssimo. Com a fabulosa música de Aaron Copland e com os três desempenhos de Clift, Richardson e Hopkins, mesmo os que não gostam de Wyler terão de reconhecer que se trata de um filme fora de série. Mas é Olivia de Havilland que dá ao filme um "qualquer coisa" suplementar, provando que foi uma actriz genial num papel que começa com toda a timidez e auto-anulação que associamos primacialmente com a irmã-rival Joan Fontaine, mas que acaba com aquele misto de força e crueldade que foi apanágio de Bette Davis e de Joan Crawford. Neste filme, pelo menos, conseguiu talvez superá-las às três.

Frederico Lourenço